



Da relação entre crítica e crise na teoria de Guy Debord

Erick Quintas Corrêa¹

Resumo: A crítica histórica e estratégica de Guy Debord (1931-1994), o mais influente membro da Internacional Situacionista (1957-1972), ocupa um lugar único no mapa intelectual e político da última metade do século XX. Nesta comunicação pretendemos apresentar a trajetória crítico-prática de Debord elucidando particularmente a forma singular com que os diagnósticos e prognósticos apresentados em seus dois principais livros teóricos de crítica social, *A sociedade do espetáculo* (1967) e *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1988), seriam historicamente verificados corretos em duas conjunturas distintas, primeiramente na/pela crise explosiva de 1968 e, mais tarde, na/pela crise implosiva de 1989. A hipótese central é a de que existe uma continuidade teórica e metodológica entre os textos de 1967 e 1988, diferentemente de outras interpretações acadêmicas que, ao assinalarem uma suposta “ruptura” das teses “pós-modernas” de 1988 com o “marxismo” das teses originais de 1967, indicam a existência de uma descontinuidade entre elas. Procura-se demonstrar como há, entre as teses sessentistas e oitentistas de Debord, uma descontinuidade que é, contudo, de ordem estritamente temática, condicionada pelo desenrolar do próprio processo histórico ao qual se vinculam concretamente. Demonstra-se, além disso, como o texto de 1988 reflete criticamente as soluções regressivas encontradas pelo capital e pelo Estado na gestão e resolução da crise revolucionária detonada internacionalmente em torno de 1968, particularmente na França e na Itália.

Palavras-chave: Guy Debord; sociedade do espetáculo; crítica; crise; contemporaneidade.

¹ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP/FCLAr). Bolsista CAPES. Co-organizador do livro “68 – como incendiar um país” (São Paulo: Veneta, 2018).